



UFC
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CAMPUS DE SOBRAL
CURSO DE MÚSICA – LICENCIATURA

ANTÔNIO HIGOR PINTO DE AZEVEDO

**TRANSMISSÃO MUSICAL: UMA VISÃO A PARTIR DO GRUPO DE REISADO DE
EXTREMAS DE SANTA LUZIA NA CIDADE DE GRAÇA-CE**

SOBRAL

2017

ANTÔNIO HIGOR PINTO DE AZEVEDO

TRANSMISSÃO MUSICAL: UMA VISÃO A PARTIR DO GRUPO DE REISADO DE
EXTREMAS DE SANTA LUZIA NA CIDADE DE GRAÇA-CE

Monografia apresentada ao Curso de Música –
Licenciatura da Universidade Federal do
Ceará, *Campus* Sobral como requisito parcial
para conclusão do Curso de Música –
Licenciatura da UFC em Sobral.

Orientador: Prof. Dr. Tiago de Quadros Maia
Carvalho.

SOBRAL

2017

Página reservada para ficha catalográfica que deve ser confeccionada após apresentação e alterações sugeridas pela banca examinadora.

Para solicitar a ficha catalográfica de seu trabalho, acesse o site: www.biblioteca.ufc.br, clique no banner Catalogação na Publicação (Solicitação de ficha catalográfica)

ANTÔNIO HIGOR PINTO DE AZEVEDO

TRANSMISSÃO MUSICAL: UMA VISÃO A PARTIR DO GRUPO DE REISADO DE
EXTREMAS DE SANTA LUZIA NA CIDADE DE GRAÇA-CE

Monografia apresentada ao Curso de Música –
Licenciatura da Universidade Federal do
Ceará, *Campus* Sobral como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciado em Música.
Área de concentração: Música.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Tiago de Quadros Maia Carvalho. (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Me. Simone Santos Sousa
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. João Emanuel Ancelmo Benvenuto
Universidade Federal do Ceará (UFC)

A Deus.

Aos meus pais.

A minha namorada.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelas bênçãos durante todo esse percurso.

Aos meus pais, por sempre me incentivarem e contribuírem com a minha formação acadêmica.

A Rosy Lemos, minha namorada, pelo apoio e carinho durante todo o curso, nunca me deixando desistir.

Ao Prof. Tiago de Quadros Maia Carvalho, pela paciência, engajamento e contribuições durante a orientação.

A todos os participantes do Reisado, em especial aos que contribuíram para os resultados deste trabalho.

Aos amigos Renato Augusto e Leonardo Santos pelo convívio e incentivo desde os meus primeiros meses de faculdade, compartilhando experiências da vida acadêmica.

Ao amigo Júnior Santos, por ter me mostrado a possibilidade de cursar uma Licenciatura em Música.

Aos amigos da turma de 2014.1 Uélito Filho, José Rones, Helixandré Monteiro, Wellington Freitas, Lucas Teixeira, Márcio Brandão, Anderson Freitas, Gabi Lima, Danilo Pacheco, Vitor Nascimento, além de Juliana Cunha e tantos outros amigos que apareceram ao decorrer desse caminho, pelas reflexões, críticas, incentivos, momentos de descontração, momentos de sofrimento e companheirismo.

Aos professores do Curso de Música de Sobral, pela dedicação com seus alunos e pela contribuição para a minha vida pessoal e profissional.

Aos professores participantes da banca examinadora Simone Santos Sousa e João Emanuel Ancelmo Benvenuto pelo tempo, pelas valiosas colaborações e sugestões.

Ao Prof. Marcelo Mateus pela influência na minha vida profissional, pelas dicas e orientações, além da amizade que se estabeleceu nesses anos de curso.

Aos parentes, amigos e a todos que de alguma forma me apoiaram e incentivaram para que este momento pudesse se concretizar.

RESUMO

O presente trabalho busca trazer informações sobre a tradição do Reisado gracense, direcionado ao grupo de Extremas de Santa Luzia, e como ocorre o processo de transmissão musical em seu contexto. Além disso, este trabalho foi pensado como uma fonte de registros sobre esta manifestação cultural com o objetivo de aumentar o material escrito sobre o mesmo, e difundir o conhecimento sobre a cultura local. Este trabalho trata, especificamente, da música e seus meios de transmissão, mas, aborda também outros segmentos do Reisado, considerando que todo o seu conteúdo é de suma importância para a manifestação e que são repassados e transmitidos. Para a coleta de dados, foram utilizadas entrevistas gravadas em áudio com integrantes e pessoas ligadas a esta manifestação, além de uma pesquisa bibliográfica sobre o Reisado e transmissão musical e uma pesquisa documental em acervos da cidade. A análise foi feita relacionando o conteúdo das entrevistas com o embasamento teórico adquirido durante a pesquisa. Por fim, os resultados da pesquisa são apresentados, trazendo ao leitor uma visão aprofundada sobre o processo de transmissão musical no Reisado de Extremas e suas nuances.

Palavras-chave: Transmissão Musical. Reisado. Cultura.

ABSTRACT

The present work seeks to bring information about the tradition of Reisado gracense, directed to the group of Extremas de Santa Luzia, and how the process of musical transmission occurs in its context. In addition, this work was thought as a source of records on this cultural manifestation with the aim of increasing the written material on the same, and spreading knowledge about the local culture. This work deals specifically with music and its means of transmission, but also addresses other segments of the Reisado, considering that all its contents are of utmost importance for the manifestation and are passed on and transmitted. For the data collection, audio interviews were used with members and people associated with this manifestation, as well as a bibliographic research about the Reisado and musical transmission and a documentary research in the city 's collections. The analysis was made relating the content of the interviews with the theoretical basis acquired during the research. Finally, the results of the research are presented, bringing to the reader an in-depth view on the process of musical transmission in Reisado de Extremas and its nuances.

Keywords: Musical Transmission. Reisado. Culture.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Velho, Velha, Boi e Caretas (Arquivo pessoal).....	17
Figura 2: Magarefe (Arquivo pessoal)	18

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
Metodologia.....	9
Organização do Trabalho.....	10
CAPÍTULO 1- O REISADO	12
1.1 Origem do Reisado	12
1.2 O Reisado em Graça-CE.....	15
1.3 O Grupo de Reisado de Extremas de Santa Luzia em Graça-CE	21
1.4 Encenação do Reisado	23
CAPÍTULO 2- REVISÃO DE LITERATURA	25
CAPÍTULO 3- TRANSMISSÃO MUSICAL NO REISADO DE GRAÇA-CE	31
3.1 Divulgação do Reisado de Extremas	31
3.2 Critérios de acesso ao Reisado de Extremas.....	33
3.3 A mecânica da transmissão musical no Reisado de Extremas	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	45

INTRODUÇÃO

Desde a minha infância acompanhei os festejos do Reisado na cidade de Graça-CE e, como qualquer criança, ficava admirado com os detalhes da apresentação. Música, poesia, sapateado, encenação e fé eram perceptíveis naqueles que participavam e/ou assistiam. Tudo isso encontrado em um só lugar. Lembro que as residências onde aconteciam as brincadeiras ficavam cheias de gente, todas atentas. Ao crescer, principalmente após ingressar em um curso de Licenciatura em Música, passei a me interessar ainda mais por essa tradição. Agora, compreendendo melhor suas nuances. Porém, ainda faltavam detalhes a entender acerca do Reisado. Como eles aprenderam tudo isso? Como é ensinado? Por que creem em Santos Reis? Por que o Boi é o personagem principal? E todas estas perguntas se resumiram em uma só: Como ocorre o processo de transmissão musical no Reisado?

Esta pesquisa foi elaborada para levantar o máximo de informações possíveis sobre o Reisado, com o objetivo de compreender um pouco mais sobre essa tradição da cidade. Com este estudo, direcionado ao processo de transmissão musical do Reisado de Extremas, é possível também colaborar com a continuidade dessa cultura, proporcionando um registro escrito para futuras consultas sobre a tradição.

Metodologia

Devido o grande número de participantes do Reisado, esta pesquisa foi direcionada ao grupo de Extremas de Santa Luzia, selecionando alguns membros que pudessem colaborar com o entendimento desta manifestação da forma mais ampla possível. Os selecionados foram: O senhor Cícero Ferreira do Nascimento, organizador do Reisado de Extremas e personagem de grande importância para a continuação deste folguedo na cidade; o senhor Domingos Ferreira da Silva Flores, sanfoneiro renomado na região e que participa deste grupo desde a sua fundação; Edielson Gomes de Almeida, um jovem de família tradicional do Reisado e que agora se juntou ao grupo de Extremas; o senhor Francisco de Alcântara, também conhecido como Axis ou Cachorrão e participante do grupo desde sua fundação sempre atuando como Velho e trazendo consigo grande experiência em outros Reisados; Daniel Costa de Alcântara, filho do senhor Francisco de Alcântara e atual Poeta do

grupo, contando também com grande experiência e renome pela criação de seus versos; e o senhor Sebastião Manoel de Azevedo, conhecido como Sebastião Biló, instrumentista aposentado de grande experiência em Reisados, mas que as vezes ainda participa especialmente de apresentações. Todos estes entrevistados contribuíram de forma significativa com seus relatos e seus pontos de vista em diferentes áreas sobre como acontece a organização do grupo e seus meios de transmissão de conhecimentos.

Foi utilizado, para a coleta de dados, entrevistas semiestruturadas gravadas em áudio, baseando-se na metodologia de História Oral. Segundo Meihy e Holanda (2011) História Oral é

Um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas. O projeto prevê: planejamento da condução das gravações com definições de locais, tempo de duração e demais fatores ambientais; transcrição e estabelecimento de textos; conferência do produto escrito; autorização para o uso; arquivamento e, sempre que possível, a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas. (MEIHY; HOLANDA, 2011, p. 15)

Devido a escassez de material escrito sobre a cultura do Reisado na cidade de Graça, a metodologia de História Oral se mostrou ideal para registrar e dar valor ao conhecimento das pessoas que vivem neste meio e que repassam seus saberes de maneira oral. A pesquisa contou ainda com um estudo bibliográfico em artigos, monografias, teses e dissertações, buscando autores que contribuíssem com o entendimento do Reisado e de transmissão musical. Esta pesquisa, porém, não pode contar com uma observação participante, fato que aumentou ainda mais a importância das entrevistas com os envolvidos no Reisado para que assim fosse conseguido o máximo de informações possíveis. A análise dos dados se deu a partir da relação das entrevistas, das ideias propostas por outros autores e da visão de fora do Reisado de Extremas buscando compreender a natureza da transmissão que ocorre nesta manifestação. Os resultados obtidos culminaram na produção desta monografia.

Organização do Trabalho

No Capítulo I, busco primeiro trazer informações gerais sobre o Reisado, como origem, características e seu contexto histórico no Brasil. Em seguida, comento sobre como ocorre o Reisado na cidade de Graça-CE. Relato também, como ocorre a encenação do

Reisado na cidade. Logo após, faço um direcionamento para o público alvo desta pesquisa. O grupo de Reisado de Extremas de Santa Luzia, no interior da cidade, que foi escolhido devido o seu contexto histórico e sua contribuição para a cultura do Reisado na região.

No Capítulo II, faço uma análise baseada em alguns referenciais teóricos sobre o tema de transmissão musical. Sob um olhar etnomusicológico, encontrei suporte de outros autores para analisar o contexto musical-cultural do Reisado na cidade de Graça.

No Capítulo III, mostro o resultado da análise dos dados adquiridos durante a pesquisa, com o objetivo de explicar como ocorre o processo de transmissão musical no Reisado da cidade.

Por fim, faço algumas considerações finais sobre os resultados adquiridos e sobre a pesquisa como um todo.

CAPÍTULO 1- O REISADO

1.1 Origem do Reisado

Reisado é a “denominação erudita para os grupos que cantam e dançam na véspera do dia de Reis (6 de janeiro)” (CASCUDO, 2012, p. 610). Para Sousa, os Reisados são:

Grupos que brincam e dançam, às vésperas do dia de Reis ou no próprio dia, compostos por músicos, cantadores e dançadores que desenvolvem uma cantoria ou um auto dramático que narra o fato particular da história de Cristo, que é o seu nascimento e a visita dos três Reis Magos. Ou na forma de cortejos ou como autos sacros, os brincantes de Reis reinventam a memória do nascimento de Cristo bem como dos credos e valores daqueles sujeitos. (SOUSA, 2012, p.70)

Para Barroso, o Reisado se trata de:

(...) um folguedo tradicional do ciclo natalino, que se estrutura na forma de um cortejo de brincantes, representando a peregrinação dos Reis Magos à Belém, e se desenvolve em autos, como uma rapsódia de cantos, danças e entremeses incluindo obrigatoriamente o episódio do Boi. (BARROSO apud SOUSA, 2012, p. 72)

Porém, para Cavalcanti, tratar o Reisado como um auto estaria desconsiderando muitas variantes da concepção deste folguedo.

A explicação do folguedo pelo suposto "auto" é, no mínimo, uma redução pois, (...) muitas coisas acontecem para além do "auto", ou mesmo na sua ausência. Mesmo quando existente, a relação entre os elementos do "auto" e a ação coletiva concertada está muito distante da correspondência mais direta que há nas formas dramáticas eruditas. (CAVALCANTI, 2006, p. 71)

Neste trabalho, Reisado será definido como um auto de caráter profano-religioso, que envolve música, fé, poesia e sapateado, com o Boi como personagem principal.

A origem do Reisado “está baseada nas brincadeiras sertanejas, nos terreiros das fazendas, tendo sido iniciada no ciclo do couro, aqui no Nordeste, onde a figura principal é o boi [...], acompanhado dos caretas, com máscaras de couro que simbolizavam o nosso vaqueiro” (AMORIM *apud* COELHO; FERREIRA; MARTINS, 2016, p. 59). Baseia-se também na história do que se chama de Catolicismo Popular, bem como às diversas interpretações locais das tradições de cunho cristão. Segundo João Everton da Cruz, o

Catolicismo Popular chegou ao Brasil juntamente aos colonizadores portugueses e “é composto de devoção aos santos, romarias, novenas, procissões, bênçãos, festa do padroeiro, promessas”. (CRUZ, 2010, p. 17). Cruz detalha ainda mais e exemplifica como acontece o Catolicismo Popular quando diz:

As crenças e práticas religiosas, ao longo da tradição do cristianismo, foram socialmente incorporadas como “católicas”. Com relação à expressão popular, ela não tem o significado de vulgar ou de uma produção cultural de caráter subalterno. O termo popular tem o sentido de distinção cultural e social de um povo e também de um comportamento religioso que se diferencia do oficial. No Brasil o Catolicismo Popular manifesta-se por atos concretos ligados ao cotidiano, como rezar para pedir chuva, benzer uma pessoa doente; junto a isso se destaca o culto aos santos, buscando uma resposta positiva para os seus problemas e reinterpretando as doutrinas do catolicismo oficial. (CRUZ, 2010, p. 17)

Dentro do Catolicismo Popular, existe uma forma típica chamada de Catolicismo Popular sertanejo, comum na região Nordeste do Brasil. Segundo Cruz, “o ritual do Catolicismo Popular sertanejo seguiu uma matriz de um catolicismo familiar. Esse foi o catolicismo difundido no sertão do Nordeste brasileiro pelos missionários através das santas missões” (CRUZ, 2010, p. 18). Nesse contexto é possível compreender como a religiosidade está presente nas famílias nordestinas e como estas são apegadas aos santos e as promessas por uma vida melhor, assim como acontece nas práticas do Reisado.

Esta manifestação fala especificamente dos Três Reis do Oriente, também conhecidos como Reis Magos - Baltazar, Melquior e Gaspar -, que foram os primeiros a visitar o menino Jesus após o seu nascimento. Segundo a tradição católica, os Reis Magos receberam um sinal, em forma da estrela, de que o Messias havia nascido e seguiram em sua direção com a intenção de encontrar o menino Jesus e presentear-lhe com ouro, mirra e incenso, presentes de valor simbólico ao Rei dos Reis que nascera. O rei Herodes, descobrindo o nascimento de Jesus e temendo perder o seu trono, planejava matar a criança depois que os Reis Magos a encontrassem. Porém, no caminho de volta da visita ao Messias, os Reis passaram disfarçados pela cidade, e de casa em casa, anunciaram o nascimento de Jesus Cristo, o Rei dos Reis. A partir desse conto, as pessoas passaram a comemorar o nascimento de Jesus da mesma forma, com folias pelas ruas, de casa em casa, anunciando o nascimento do Salvador.

Segundo Flávia Cristina de Almeida Araújo “o Reisado chegou ao Brasil através dos colonizadores portugueses” (ARAÚJO, 2013, p. 19) e essa é a história da qual os

participantes do Reisado conhecem. Estabeleceu-se de forma significativa na região nordeste do país, onde encontrou junto aos sertanejos uma grande significação. Segundo Araújo

A denominação de Reisado persiste aqui no Ceará, em Alagoas, Sergipe e Bahia. Em diversas outras regiões o folguedo é chamado de Bumba-meu-boi, Boi de Reis, Boi-bumbá ou simplesmente, Boi. Em São Paulo é conhecido como Folia de Reis, onde a festa é composta de apresentações de grupos de músicos e cantores, todos com roupas coloridas, entoando versos sobre o nascimento de Jesus Cristo, liderados por um mestre. (ARAÚJO, 2013, p. 20)

O Reisado, assim como o Bumba Meu Boi e outros variantes deste folguedo, pode ser considerado como um auto. Segundo Luís da Câmara Cascudo, “dos autos populares brasileiros o mais nacional, como produção, é o bumba meu boi, resumo de reisados e romances sertanejos do Nordeste” (CASCUDO, 2012, p. 78). A denominação de auto se baseia no Dicionário do Folclore Brasileiro, de Câmara Cascudo, o qual é tratado como uma “forma teatral de enredo popular, com bailados e cantos, tratando de assunto religioso ou profano, representada no ciclo das festas do Natal (dezembro-janeiro)” (CASCUDO, 2012, p. 78).

Um bom exemplo, no campo de música, bem como na cultura popular, seria a cidade de Graça, no interior do Ceará. Esta apresenta, entre muitas outras, uma das manifestações culturais de maior expressão e tradição local. Trata-se do Reisado, praticado durante o período da Festa de Reis do dia 01 a 06 de janeiro. Esta se materializa como uma apresentação artística ou um “teatro itinerante” (DANIEL COSTA DE ALCÂNTARA, 21/10/2017), de caráter profano-religioso, em que os Caretas¹ e o Tirador² do Reisado agradecem aos Santos Reis do Oriente por graças alcançadas durante o ano, ou mesmo pedindo proteção e bênçãos para o ano que está se iniciando. Para além do grupo, os moradores da cidade de Graça são bastante ligados à Festa de Reis. É por conta da fé nos santos, compartilhada entre muitos moradores, que existe a possibilidade do grupo de Reisado se apresentar nas residências do município.

Desde sua chegada ao Brasil até os dias de hoje, essa manifestação cultural já se modificou bastante, devido a diferentes contextos em diferentes lugares. Cada lugar onde existe o Reisado foi adaptando e incrementando conteúdos a essa expressão cultural fazendo

¹ Personagens do Reisado que usam máscaras.

² Organizador e responsável por um grupo de Reisado durante o período de brincadeiras.

com que se tornasse cada vez mais regional e próximo da vida cotidiana das pessoas. Na cidade de Graça não foi diferente.

1.2 O Reisado em Graça-CE

O Reisado existe há muito tempo, desde antes da cidade se emancipar em 1987. Contudo, ninguém sabe ao certo como chegou ao município ou como se transformou na manifestação de hoje. Sem registros escritos e com todos os primeiros integrantes já falecidos, fica difícil trazer detalhes sobre os acontecimentos antigos. O que resta para compreender uma pequena parcela dessa cultura que persiste até os dias de hoje são os relatos orais, principalmente das pessoas de mais idade que têm ligações diretas com os primeiros participantes. Além da história, todo o processo de ensino e de aprendizagem é feito de maneira oral, já que não existem aulas ou momentos específicos para se aprender ou repassar todos os conhecimentos necessários para poder entrar em um grupo de reisado e participar com os demais.

Segundo Daniel Costa de Alcântara “o Reisado do Graça é único... semelhante só no Pacujá, Cariré e Reriutaba, às vezes” (DANIEL COSTA DE ALCÂNTARA, 21/10/2017), e isso se dá pela forma de apresentação, em relação aos personagens, as cenas representadas e a formação instrumental. É comum a apresentação do Reisado acontecer na forma de cortejos e peregrinações, assim como citado anteriormente neste trabalho por Barroso, andando de casa em casa durante a período festivo pedindo a permissão para brincar nas residências dos cidadãos daquela localidade. Porém, na cidade de Graça isso se dá de outra forma. As apresentações não são aleatórias, dependendo da permissão das pessoas, mas sim pré-estabelecidas e combinadas entre os donos de residências que querem receber o grupo de Reisado e o Tirador de Reisado antes de iniciar o período das apresentações.

O Reisado gracense possui personagens muito bem definidos, retratando uma família simples de sertanejos que possuem uma pequena propriedade rural onde podem ter criações de animais. No Reisado, existe o Velho, que seria o progenitor da família, casado com a Velha. Estes têm cinco filhos que, por não terem nomes, quatro deles são chamados apenas de Caretas. Careta também pode ser a denominação para todos os integrantes que utilizam máscaras e o motivo, talvez, seja um dos significados encontrados no Dicionário do Folclore Brasileiro, onde cita que careta “era sinônimo popular de máscara” (CASCUDO, 2012, p. 176). O único filho a possuir nome é o filho mais velho, o diplomata da família,

chamado de Poeta. Além desses, ainda há o Magarefe, que seria um vaqueiro da fazenda de outra região, que está atrás de um boi perdido e que pensa estar nas terras dessa família. Outro personagem de grande importância é o Boi, que está sempre muito ornamentado, carregando o nome do grupo de Reisado e o ano da apresentação. Também tem a Burrinha que sempre aparece para terminar a apresentação. Os animais estão presentes dentre os personagens para representar todos àqueles que se encontravam no estábulo durante o nascimento do menino Jesus. A formação instrumental varia de um grupo para o outro, sendo fixos apenas a sanfona, o “bandolim” - como é conhecido o cavaquinho - e o pífano. Alguns grupos utilizam ainda o triângulo e rabeca. Porém, a rabeca, assim como o pífano, dificilmente é encontrada, devido à escassez de instrumentistas.

A caracterização dos personagens tem grande importância no contexto da apresentação e também na diferenciação entre eles. Assim como, segundo as histórias, os Reis Magos fizeram o caminho de volta mascarados para não serem reconhecidos, todos os integrantes do Reisado, exceto o Boi e os instrumentistas, usam máscaras enfeitadas. Além das máscaras, as roupas também são bem características. O Velho usa um terno de cor escura e uma bengala, e sua máscara não é feita de pano, como as dos demais, mas sim de couro. Sua máscara possui detalhes feitos de barbante branco para representar o bigode, barba e cabelos brancos, caracterizando um senhor de idade. A Velha é um dos personagens mais enfeitados. Embora retrate uma senhora de idade, ela sempre aparece com maquiagem na máscara, cabelos longos, brincos, colares, pulseiras e bolsinha. Sempre apaixonada pelo seu Velho, mostra carinho através de poemas e frases improvisadas, denotando admiração pelo marido que tem. Em algumas apresentações aparece uma segunda Velha, esta como uma amante, que cria conflitos com a esposa do Velho de forma cômica, a fim de descontrair o público. Todos os filhos do Velho usam roupas e quepes semelhantes aos dos marinheiros. Porém, o filho mais velho, chamado de Poeta, usa uma roupa de coloração mais escura e com mais adereços para que seja diferenciado dos demais.



Figura 1: Velho, Velha, Boi e Caretas do Grupo de Reisado de Extremas (Arquivo pessoal).

O Poeta é o diplomata da família e é ele quem ajuda os pais a resolverem os conflitos que acontecem durante a dramatização. O Magarefe é outra personagem com bastante destaque na história e é singular, devido ao seu traje ser inteiramente vermelho. Chapéu de vaqueiro, máscara e até o machado que ele carrega consigo possuem a coloração vermelha bem forte para caracterizá-lo e destacá-lo como o “terrível” vaqueiro, vindo de outras terras e que mata o gado alheio. A palavra magarefe tem o mesmo significado que açougueiro, aquele que abate as reses nos matadouros, e essa função foi associada ao papel do vaqueiro na encenação do Reisado. O Boi é tratado como um “xodó” da família, sendo sempre muito acariciado e prestigiado. Sua caracterização é mais complicada, devido ser necessário uma armação feita de madeira, revestida com tecido, de forma que fique um espaço para o Boieiro³ ficar debaixo e controlá-lo. É produzida também uma cabeça de boi feita de madeira, com chifres, olhos e tudo que o deixe o mais parecido com um boi de verdade. O Boi é sempre muito bem enfeitado, por ser uma das grandes estrelas da apresentação. Além do coração na testa do boi, característico e que oportuniza o apelido dele de “Boi-corção” durante as poesias, ainda recebe o nome do grupo e o ano do Reisado que está acontecendo pintado ao

³ Responsável por ficar embaixo da estrutura do boi e assim locomovê-lo. O Boieiro possui apenas uma pequena brecha por onde pode ver o que está ao seu redor para assim evitar contato com o público durante a sua apresentação e rodopios.

longo do seu corpo. A cada ano que passa, os organizadores têm o intuito de produzir um boi mais chamativo e atraente que o do ano passado. A Zabilinha é uma burrinha, um personagem que aparece apenas ao final das apresentações e é representada como um ser sem gênero. Possui uma cabeça em formato de cavalo feita de madeira e a pessoa que estaria montada na burrinha usa como trajes um terno todo branco, um chapéu de palha, um véu cobrindo seu rosto e uma saia longa. O personagem é representado, geralmente, por crianças, devido ao seu tamanho. A sua apresentação acontece com os pés descalços, rodopiando pelo salão, a fim de animar a todos pela última vez antes do fim da dramatização. As caracterizações de todos os personagens podem receber alterações, principalmente em relação às cores, dependendo de Reisado para Reisado e de um ano para o outro. O dono da residência passa a ser chamado de Capitão e é tratado como um personagem da história, interagindo e participando dos diálogos com os personagens, principalmente o Velho e o Magarefe.



Figura 2: Magarefe (Arquivo pessoal).

A formação instrumental varia de um grupo para o outro, sendo recorrente apenas a sanfona, o “bandolim”, e o pífano. Estes instrumentistas não são exclusivos do Reisado. Geralmente possuem outros empregos e participam do Reisado apenas como forma de complementar a renda ou, muito comumente, pela devoção aos Santos Reis. Todos os

instrumentistas tocam “de ouvido⁴”. Muito comum no interior do estado do Ceará, a formação musical de instrumentistas através da observação e convivência com pessoas que já tocam, muitas vezes sendo o pai ou um parente muito próximo. Os músicos possuem bastante vivência e experiência musical devido, principalmente, ao fato de terem aprendido a tocar a partir da observação e do treinamento do ouvido em práticas autodidatas. Nenhum deles conhece a notação tradicional e muitos deles não sabem nem a nomenclatura das notas e acordes que estão tocando. Porém, isso em nada impede que sejam admirados pelos espetáculos que produzem com as suas músicas e a animação que criam no local das apresentações.

Os Tiradores de Reisado são as pessoas que organizam os Reisados, desde os ensaios até as apresentações. São responsáveis pela escolha dos instrumentistas, das pessoas para interpretar os personagens, da confecção de roupas, acessórios do Boi e da Burrinha e também pela estadia e alimentação de todos os integrantes do grupo durante os seis dias de festa. Também fica por conta dos Tiradores a responsabilidade de definir, mediante combinação prévia, as casas que farão parte das apresentações naquele dia. Uma pessoa pode se tornar um Tirador de Reisado para pagar uma promessa, mas, nos últimos anos, está cada vez mais difícil ser um Tirador, pois o custo de montar um grupo de Reisado está ficando cada vez mais alto. Embora seja uma manifestação cultural de bastante tradição na região, o Reisado depende da remuneração dos participantes do grupo para continuar existindo. Em cada casa que é visitada, o dono da residência paga uma quantia em dinheiro para o Tirador de Reisado para receber o grupo e, além disso, ainda dá “sortes”, que são pequenas quantias em dinheiro, para cada integrante durante a própria encenação. Os integrantes começaram a se valorizar, exigindo tal quantia para participar os seis dias e isso fez com que, conseqüentemente, o valor do grupo aumentasse e o Tirador pedisse mais dinheiro para os donos de residência. Mesmo assim, há dificuldades para pagar a todos, já que sempre existem despesas com moradia, alimentação e transporte. Essa valorização pode chegar a um ponto que os donos de residências não consigam pagar por uma brincadeira ou o Tirador não consiga arrecadar dinheiro suficiente, colocando em risco a continuidade do festejo que, embora faça parte da cultura da cidade, é tratado como um negócio lucrativo.

⁴ Aprendizagem a partir da percepção sonora, sem a necessidade de um professor ou de aulas.

Na localidade de Caraúbas, no interior da cidade de Graça, existe uma residência que durante os seis dias de festa é conhecida como a Casa do Tirador. O dono dessa casa se chama Gerson Sousa, que além de dono dessa residência é também “organizador de festas na localidade” (MORAES e FREITAS, 2017, p. 3). Dentre elas, promove a Festa de Reis que ocorre no dia 6 de janeiro. A Casa do Tirador é destinada aos integrantes do Reisado que fazem as suas brincadeiras nas localidades próximas. Durante os seis dias de brincadeiras, os integrantes residem na Casa durante o dia para descansarem e se prepararem para mais uma noite de apresentações. Não são todos que residem durante todo esse período, alguns simplesmente voltam para as suas residências após as apresentações e retornam para a Casa no dia seguinte logo pela manhã. A Casa se torna um ponto de referência para quem procura o Reisado, já que todo dia, ao anoitecer, o grupo parte da Casa em direção a residência que receberá a brincadeira. Além dos integrantes e do próprio Tirador, qualquer pessoa pode entrar na casa e interagir com os demais, participando da animação que é contagiante dentro da residência. Moraes e Freitas, em pesquisa sobre a Casa Tirador na localidade de Caraúbas, comentam que a Casa é localizada onde os integrantes possam ter privacidade e assim descansar, porém,

Essa garantia de privacidade na festa de reis é praticamente deturpada com movimentação de “entra e sai” na casa do tirador por vizinhos, personagens e visitantes. É uma agitação que diverte os caretas antes de saírem para as brincadeiras com celular tocando músicas de forró, integrantes “batendo” tambores e pessoas “pragateando⁵”. Todavia, os acompanhantes ficam a espreita observando, nem todos entram na agitação, já os caretas riem, recitam seus poemas, etc.. (MORAES e FREITAS, 2016, p. 3)

A Casa do Tirador serve para unir ainda mais os integrantes do Reisado, além de facilitar a comunicação, o descanso e a deslocação do grupo para as residências. Porém, não são todos os grupos que podem desfrutar de um local em comum para residir e compartilhar as experiências vividas durante a Festa de Reis e histórias passadas, o que torna a Casa do Tirador um ambiente especial, diferente e único para a tradição do Reisado, por conta do seu forte contato com essa manifestação cultural.

Na cidade de Graça, existem dois grupos de Reisado tradicionais que mantêm essa cultura todo ano: os Reisados das localidades de Pirituba e de Extremas de Santa Luzia. Além

⁵ Sapateado tradicional do Nordeste utilizando pragatas (calçados feitos de couro) muito típicas no sertão

dessas, existem também alguns grupos que não possuem tanta evidência, como o grupo da localidade de Caraúbas e o grupo da Sede de Graça. É importante destacar que o presente trabalho tem como foco investigativo a análise do Reisado da localidade de Extremas de Santa Luzia, devido à grande representatividade que o grupo possui para a ideia de tradição na região.

1.3 O Grupo de Reisado de Extremas de Santa Luzia em Graça-CE

O grupo de Reisado de Extremas de Santa Luzia é tratado por seus integrantes e por algumas pessoas que acompanham essa manifestação como o melhor grupo de Reisado da Região. Tal intitulação acontece pelo empenho de todos os integrantes do grupo em renovar e melhorar a qualidade do espetáculo a cada ano que se passa. Claro que a qualificação de superioridade do grupo, comparando aos demais, depende do gosto e conhecimento particular de cada pessoa. Porém, a alta valorização do grupo, a alta procura durante o período de Reisado, até mesmo de cidades vizinhas, além do grande reconhecimento dos integrantes do grupo, tanto Caretas quanto instrumentistas, podem tentar afirmar tal denominação.

O grupo de Extremas foi escolhido como o alvo dessa pesquisa devido às qualidades citadas acima além da sua tradição e repercussão. Assim como todo Reisado, este grupo iniciou suas atividades por conta de uma promessa à se pagar dos Tiradores do Reisado Cícero e sua mulher Juraci, moradores da localidade de Extremas. Segundo Daniel Costa de Alcântara,

Como todos os grupos de Reisado, o motivo é pela promessa. Segundo a Juraci, disse que tinha uma promessa pra pagar, a qual a gente não sabe os motivos, ela tirou o Reisado em 2011 e disse que ela tinha o intuito de prolongar por 10 anos o Reisado, e até agora está se cumprindo o que ela falou. (DANIEL COSTA DE ALCÂNTARA, 21/10/2017)

Os grupos de Reisado só são formados por causa do Tirador, que é o responsável de organizar, escolher os integrantes e firmar as casas onde a apresentação acontecerá. Porém, não existe a certeza de uma pessoa tirar um Reisado em um ano e no ano seguinte tirar novamente. Pode acontecer de alguém fazer uma promessa de tirar um Reisado apenas um ano. Vai depender sempre da intenção da pessoa e principalmente da condição financeira, já que um Reisado custa muito caro para o Tirador. Francisco de Alcântara, conhecido

localmente como Axis ou Cachorrão, e conhecido também pelo seu prestígio atuando como Velho nos Reisados comenta sobre as dificuldades em se tirar um Reisado atualmente.

O pessoal tã explorando muito o dono do Reisado. Explorando mesmo, muito. Ai fica pesado pra pessoa que tiver uma promessa pra pagar e não poder pagar por causa que é muito caro e ele não tem a condição de tirar aquele Reisado né? Porque hoje em dia, menos de dez mil reais, se não tiver no bolso, não tira um Reisado não. Porque das casas mesmo só chega seis mil, cinco mil, e ai vai interar com o quê se não tiver aquele dinheiro? (FRANCISCO DE ALCÂNTARA, 21/10/2017)

Neste relato é possível perceber como que a cultura do Reisado depende de um investimento pessoal do Tirador. O que acontece muitas vezes é de uma pessoa, por não ter condição financeira de tirar um Reisado optar por escolher, até mesmo em suas promessas, receber a “brincadeira” em casa, o que sai muito mais barato e menos trabalhoso. Considerando que os preços do Reisado continuam a subir a cada ano, pode chegar um tempo em que as pessoas que quiserem ser Tiradores de Reisado tenham dificuldades ou até se sintam impossibilitados de tirar devido o alto custo.

O Reisado de Extremas, diferentemente dos demais, está atuando até os dias de hoje devido à promessa feita pelos Tiradores. A promessa de tirar o Reisado por dez anos seguidos faz com que se planejem e se esforcem para conseguir cumprir, já que a promessa à Santos Reis foi feita devido graças alcançadas e não cumpri-la poderia ser um desrespeito aos santos por quem tem tanta devoção.

Outra característica do grupo de Extremas é a manutenção dos mesmos integrantes que iniciaram em 2011. Como quem escolhe os integrantes é o Tirador, ficou acordado que o grupo seria o mesmo pelos dez anos que o Reisado iria se apresentar por conta da promessa. Pode acontecer de alguém não poder ou não querer participar do Reisado daquele ano, e então é arrumado outro integrante para substituí-lo. As pessoas que deixam o grupo não podem mais participar. Os integrantes prezam muito pela qualidade do grupo, o qual é tratado como uma família por eles, e em qualquer família deve existir respeito para que possam fazer um bom trabalho. Segundo o senhor Francisco de Alcântara, problemas dentro de grupos de Reisado são bastante comuns. Sobre o grupo de Reisado das Extremas, ele comenta:

Um grupo muito bom, que não dá trabalho a ninguém, porque tem grupo de Reisado que uns bebe, e não tem condição de brincar, e as vez querem até briga um com

outro, aí outros se zangam e querem jogar a máscara fora aí: Meu Deus, como que pode vocês fazer isso aí? Porque esse grupo é uns irmãos. (FRANCISCO DE ALCÂNTARA, 21/10/2017)

A saída de algum integrante do grupo, muitas vezes necessária, contribui de forma direta com a continuidade da tradição, uma vez que aparece uma chance para outro brincante de Reisado poder se inserir e iniciar sua carreira, mostrando as suas capacidades. Chances assim são muito valiosas dentro de um mundo tão orgulhoso quanto o do Reisado. Os grupos, integrantes e Tiradores, já tem um conhecimento prévio de quem são os melhores e quem realmente sabem brincar, o que torna muito complicado para um iniciante conseguir tirar a vaga de alguém famoso, já que não existe nem a chance de mostrar as suas qualidades.

1.4 Encenação do Reisado

A apresentação inicia com a cantiga da porta, ou “abrição de porta”. Neste momento os integrantes cantam na frente da porta da casa onde acontecerá a “brincadeira” anunciando o nascimento de Jesus e pedindo permissão para entrar. A porta fica coberta por um pano e atrás deste, dentro de casa, o Capitão segura uma vela, ou lamparina, representando a estrela guia. Logo após a autorização do Capitão, o Velho, o Poeta e os Caretas, começam a fazer uma série de versos rimados, um de cada vez, contando sobre o ano que se passou, sobre temas atuais e, claro, louvando o nascimento de Jesus Cristo. Logo após, o Velho leva seus filhos para o salão, ou espaço amplo destinado para o restante da apresentação. Os instrumentistas ficam esperando no salão, e assim inicia mais uma sequência de rimas, porém, agora, com o acompanhamento dos instrumentos e já “pragateando”. O Velho então chama a Velha para aparecer e participar, enquanto os demais caretas ficam descansando. A Velha trata de se apresentar ao Capitão e depois fica fazendo declarações de amor para o Velho, tudo em forma de versos rimados e cantados seguindo o acompanhamento instrumental. Após o momento dos Velhos, os demais caretas voltam para mais uma sequência de rimas junto com o pragateado. Chega o momento do personagem principal do Reisado, o Boi. Os integrantes presentes no salão começam a dançar em volta do Boi, tratando-o com bastante carinho por ser o maior bem da família. Após esse momento, o Velho pede para o Capitão cuidar do Boi enquanto ele e sua família precisam se retirar do salão. Aparece então o Magarefe, vaqueiro de outra região a procura de um boi perdido, e chega se apresentando em forma de versos. O Magarefe pede informações para o Capitão, sobre o tal boi perdido, e após confirmado e

autorizado para pegar o boi, tem um período de encenação sobre a caçada do boi, com pausas para declamação de versos. Finalmente, após capturar o boi e matar o animal, o Magarefe retira a fuçura⁶ e oferece para que o Capitão compre. O Magarefe se despede cantando rimas sobre a fé e a esperança que se deve ter em Deus, e sem seguida sai de cena. Logo em seguida, a família de Caretas volta para o salão, ainda com semblante de alegria, até que algum personagem percebe que o boi está morto. Nesse momento, os Velhos chamam o Poeta para que ele possa ajudar a resolver o mistério da morte do Boi. O Poeta, como o mais estudado e inteligente da família, conta seus relaxos⁷ sobre a atualidade e logo se dispõe para ajudar os pais a achar o malfeitor que matou o tão querido Boi. O Magarefe volta para o salão e então começa a discussão junto com o Poeta. Em meio à discussão, sempre em rimas, tanto Poeta como magarefe tentam mostrar quem é o melhor além de desmoralizar o outro, fazendo poesias ofensivas a fim de que o outro seja exposto ao ridículo. Após a disputa de rimas o Magarefe tenta fugir, mas, é impedido pelos integrantes. O Magarefe é obrigado então a reviver o Boi, e assim o faz. Após cantar uma música aclamando a ressurreição do animal, o Boi milagrosamente volta à vida e assim a alegria contagia a todos, que passam a cantar e dançar em volta do Boi. Para encerrar a apresentação, a Zabilinha, a burrinha da família, é chamada para rodopiar no salão e alegrar a todos pela última vez naquela residência. É cantado, durante a apresentação da burrinha, versos sobre o nascimento de Jesus Cristo e a adoração pelo Filho de Deus. A despedida do grupo se dá com louvores a Deus, aos Santos Reis, aos devotos e agradecimentos a quem esteve presente assistindo.

Após o fim da apresentação, os caretas começam a se desarrumar no salão mesmo, principalmente tirando as máscaras, por serem abafadas demais, e após breve período de descanso são convidados pelo Capitão para fazerem alguma refeição, mesmo que apenas um lanche, para que possam em seguida se deslocar para outra residência. No dia 06 de janeiro, dia de Santos Reis, acontece a matança do Boi. A matança do Boi é a última apresentação oficial daquele grupo naquele ano e ocorre, normalmente, na residência do Tirador do Reisado, onde os integrantes do grupo se despedem de todos e agradecem por mais um ano de sucesso nas brincadeiras.

⁶ Parte do animal (boi, bode, porco, carneiro) que compreende a cabeça com a extensão da garganta e pulmão.

⁷ No nordeste, denominação para discurso em versos.

CAPÍTULO 2- REVISÃO DE LITERATURA

O Reisado chegou ao Brasil ainda na época da colonização e persiste como manifestação cultural até os dias de hoje. Sempre sendo transmitido e repassado para as gerações sucessoras de maneira oral, é normal e compreensivo que com o passar do tempo sofra mudanças na sua formação estrutural, mas, dificilmente na sua essência e na sua significação. Embora os participantes do grupo de Reisado não percebam, ou não tratem com essa terminologia, existe uma transmissão de valores culturais que acontece constantemente e de forma que garanta a continuação da cultura em que estão inseridos. Não se sabe como e nem quando o Reisado chegou à cidade de Graça e nem como era sua estrutura original, mas, é possível afirmar que, por diversos fatores, tanto sociais quanto culturais, passou por diversas mudanças até chegar ao formato conhecido de hoje. Mesmo com essas mudanças, o significado do Reisado se manteve inalterado para os seus participantes, o que teve grande importância para a continuidade desta tradição. Segundo Nettl (1997 *apud* Queiroz, 2010) “uma das coisas que determina o curso da história de uma cultura é o método de transmissão” e seguindo este pensamento, esta pesquisa buscou compreender como acontece o processo de transmissão musical na Localidade de Extremas de Santa Luzia, e por quais motivos essa tradição se mantém até os dias de hoje. Nesta pesquisa a ideia de transmissão musical se baseia no conceito de Queiroz:

A transmissão musical envolve ensino e aprendizagem de música, mas também abrange valores, significados, relevância e aceitação social, bem como uma série de outros parâmetros que caracterizam a seleção, resignificação e, conseqüentemente, transmissão de uma cultura musical em um contexto específico. (QUEIROZ, 2010, p. 114)

Auxiliando o conceito de Queiroz, Sanchís comenta que “o conceito de transmissão de música traz consigo a ideia de que a música é aprendida. Transmitir um conhecimento implica que a pessoa que recebe o interioriza, sem ser apenas uma passagem temporária.” (SANCHÍS, 2013, p. 124). A transmissão musical mostra-se diferente do processo de ensino-aprendizagem de música, pois, é compreendido também todo o contexto que envolve aquele repasse de conhecimentos. Segundo Luiz Fernando Navarro Costa,

Diferentemente da pedagogia musical tradicional, que põe em destaque a abordagem de metodologia e conteúdos, muitas vezes fragmentados e desvinculados de sua produção e de seu ambiente cultural, a etnomusicologia analisa o que se ensina, por que se ensina, onde e como acontecem os processos de transmissão, quem são seus personagens e em que situações acontecem, em contínua associação com o fenômeno musical e seu contexto. (COSTA, 2008, p. 84)

Com o surgimento de novas tecnologias, como por exemplo, os gravadores de áudio e vídeo portáteis, tornou-se fácil acompanhar uma apresentação e registrá-la para um aproveitamento futuro, privilégio que até pouco tempo atrás não era possível, fazendo com que não existam registros do passado desta manifestação. A única forma de estar em contato com os elementos do Reisado era durante apresentações ou com um convívio direto com integrantes do grupo, assim como ocorre em outras manifestações culturais onde o repasse oral é o principal meio utilizado. Segundo Queiroz,

Manifestações como Tribos de Índio, Ciranda, Boi de Reis e outras com naturezas semelhantes não têm habitualmente registros gravados, e os processos e situações de aprendizagem são consolidados fundamentalmente durante a prática, no momento em que a performance acontece. Assim, nessas expressões, a aprendizagem musical acontece, muitas vezes, em momentos inusitados, consolidados durante a performance, mas também em intervalos e momentos de dispersão. Nessas práticas, verifica-se que há uma significativa dependência dos momentos coletivos da prática musical para a efetivação da transmissão dos elementos sonoros e dos demais aspectos socioculturais que caracterizam a música. Assim, a aprendizagem musical é vista como algo estritamente vinculado ao universo da manifestação, com um caráter, de certa forma, mítico, em que a aprendizagem musical está vinculada a um “dom” inato. (QUEIROZ, 2010, p. 123)

E assim acontece no Reisado, pois até pouco tempo atrás não havia registros de áudio ou imagens, apenas relatos orais, e para aprender as particularidades era necessário a convivência com os grupos e pessoas que estavam diretamente imersas nessa cultura. Quem é parente de algum integrante e convive diariamente com esta pessoa tem uma maior facilidade de compreender o Reisado como uma cultura, e não somente como uma simples apresentação artística que acontece uma vez por ano. Costa relata que “a etnomusicologia considera relevante no processo de formação musical, as situações explícitas e não explícitas de ensino e aprendizagem” (COSTA, 2008, p. 84) e o convívio existente nos grupos de Reisado, assim como nas relações familiares do dia-a-dia, possui grande importância para o conceito de transmissão musical, uma vez que este processo pode acontecer sem momentos específicos para o repasse de conhecimentos. Queiroz, em seu trabalho sobre um Terno de Catopês em Minas Gerais, reforça o pensamento sobre este processo de transmissão que ocorre sem momentos especializados comentando que:

Os processos de ensino e aprendizagem musical se configuram de forma natural em momentos imprevisíveis, sem horários específicos, conteúdos determinados e avaliações sistemáticas. Nos Catopês se aprende a fazer fazendo, colocando em prática aquilo que é visto, ouvido e sentido durante a performance musical e que, com a vivência desse universo, vai sendo “incorporado” pelos iniciantes e pelos menos experientes. (QUEIROZ, 2005, p. 125)

Queiroz analisa em seu trabalho formas de transmissão que ocorrem no Terno, e dentre estas existe uma que se assemelha ao Reisado: a imitação. A imitação está presente nesse contexto, principalmente durante a performance do grupo. Essa transmissão de conteúdos se dá de forma ainda significativa quando falamos de crianças, pois nessa fase da vida a facilidade de absorção de conhecimento acontece mais rapidamente, colaborando para que a criança se interesse cada vez mais pelo conteúdo. As crianças em meio as suas brincadeiras ou durante as apresentações podem imitar as falas, as músicas e por meio dessa imitação podem experimentar como é a vivência de quem participa de um grupo de reisado. Segundo Queiroz,

A imitação, como forte referência para a aprendizagem musical, estabelece aspectos que constituem características importantes da performance, como a assimilação do ritmo, e da forma de tocar, o jeito de cantar, a variação das letras, o acréscimo ou redução de detalhes na estrutura geral da música. (QUEIROZ, 2005, p. 130)

A imitação mostra-se como principal ferramenta de aprendizagem da performance do grupo, porém, antes de imitar é necessário observar o que vai ser imitado. Queiroz, sobre como ocorre esta observação no Terno de Catopês, comenta que “ver o que o outro está fazendo e como ele faz, e ouvir a sonoridade obtida na execução do instrumento é, indubitavelmente, uma das formas mais utilizadas para a assimilação de conhecimentos musicais (QUEIROZ, 2005, p. 129). Os próprios integrantes do Terno são capazes de compreender a importância da observação para que a transmissão ocorra. Queiroz explica que os Mestres do Terno, principais responsáveis pela transmissão de conhecimentos, entendem que para aprender, nesse contexto, é necessário observar aquele que já sabe. Queiroz diz que “para eles (Mestres do Terno de Catopês), o fundamento necessário para adquirir competências musicais está intimamente ligado à capacidade de prestar atenção, e à vontade de aprender” (QUEIROZ, 2005, p. 131). Como citado por Queiroz, e também pelos Mestres do Terno, a vontade e o interesse em aprender estão diretamente ligados ao processo de

aprendizagem, já que, para que a transmissão musical aconteça, é necessário “o interesse do aprendiz junto com o estímulo do mais experiente” (SANCHÍS, 2013, p. 134).

Como já citado acima, os grupos se formam uma vez por ano para ensaios, e logo após um curto período de tempo de atividades, durante as Festas de Reis. Porém os conhecimentos musicais e culturais se mantêm intactos e podem ser até expandidos de um ano para o outro, em vez de se perder conteúdo ao passar tanto tempo de “inatividade”.

Diferentemente de outras manifestações culturais, o Reisado não conta com um Mestre, o qual seria o responsável por guardar o conhecimento e repassar aos demais integrantes do grupo. De maneira geral, todo o conhecimento do Reisado foi deixado por gerações anteriores através de relatos orais para a atual geração de brincantes. Não existe um único Mestre, mas sim Mestres, falando de maneira simbólica. O conhecimento do Reisado pode ser transmitido por qualquer um que tenha tido aquela vivência no passado e tenha absorvido a sua essência. Poesia, pragateado, e a melodia das canções, tudo pode ser ensinado a alguém de diferentes formas e não especificamente pela mesma pessoa. Tratando com mais rigor, os Mestres do Reisado em Graça seriam os cidadãos mais velhos que já brincaram ou ainda participam das brincadeiras de Santos Reis. Eles possuem vivência e experiência maior que as demais pessoas, e são capazes de resgatar informações históricas em relação às apresentações que aconteciam no passado do qual participaram ou que ouviram falar pelos relatos de seus antecessores. Mas o que diferencia de fato o Reisado em relação a sua tradição é a sua constante transformação. Vendo por esse lado, não seria necessário um Mestre para manter a tradição tal como ela era a vários anos atrás. A continuidade da tradição do Reisado depende muito mais do interesse da atual geração em resgatar e preservar conceitos e afinidades desse meio, sem necessariamente imitá-la exatamente igual, já que a “tradição é um modelo do passado interpretado no presente.” (SHILS, 1981 *apud* SANCHÍS, 2013).

De um ano para o outro, além das poesias, que de costume sempre vão mudando e se renovando, é possível que aconteça mudanças na estrutura do Reisado, sejam estas difíceis de perceber, como uma pequena variação no andamento das músicas, ou algo extremamente notório, como a utilização de um instrumento diferente, a forma de apresentação, um personagem novo ou até um novo enredo de encenação. Sanchís fala dessas mudanças na forma de interpretação quando afirma que “certamente, tradição faz referência a um processo interpretativo que incorpora tanto continuidade como descontinuidade” (SANCHÍS, 2013, p. 28) e essa transformação é vista pelos integrantes como necessária para a continuação do

Reisado, já que tais mudanças acontecem sempre com a intenção de tornar o Reisado mais atrativo para população, sem que perca a essência de séculos atrás e sem ferir a memória das gerações passadas.

Daniel Costa de Alcântara, um dos entrevistados participantes da pesquisa, comenta sobre as mudanças que acontecem para destacar ainda mais o grupo. Daniel diz que “o Reisado das Extremas é um pouco diferente dos outros Reisados, porque a gente busca muito o comprometimento... A gente vai trabalhar, a gente vai brincar, a gente quer fazer o melhor e sempre buscando modificações” (2017) e logo após, comenta sobre a continuidade necessária para uma identificação e uma preservação memorial quando fala que “chega um momento que a gente tem que parar de modificar pra que essas modificações se concretizem” (DANIEL COSTA DE ALCÂNTARA, 21/10/2017). Nota-se um cuidado com a tradição para que esta não passe por mudanças constantemente, fazendo com que a memória do público fique distorcida, sem saber o que esperar para a próxima apresentação. Atualmente, a encenação do Reisado está muito bem definida e organizada, além de fixada na memória das pessoas que acompanham tal manifestação.

A formação de um grupo para brincar Reisado acontece, normalmente, uma vez por ano e vai depender do Tirador. O Tirador escolhe as pessoas a quem mais tem confiança para assumir o cargo, e isso colabora para que, eventualmente, os grupos sejam formados com integrantes diferentes da versão do ano anterior. Essa possibilidade de mudança de grupos faz com que alguns integrantes tenham a chance de participar de outros grupos e vivenciar uma experiência diferente com outros conhecedores do Reisado. Segundo Sanchís, “conhecendo outros grupos, contrastando o mesmo fazer realizado por pessoas diferentes e, conseqüentemente, de maneiras distintas, conseguimos compreender mais profundamente o que há de mais essencial naquele fazer.” (SANCHIS, 2013, p. 135) e isso acontece frequentemente no Reisado devido a rotatividade de integrantes, contribuindo com a transmissão de saberes entre integrantes que participam de diferentes grupos e contextos e que assim podem compartilhar de experiências, técnicas, histórias e qualquer outro meio de conhecimento que possa enriquecer sua experiência. A organização do atual grupo de Reisado de Extremas não permite essa rotatividade de experiências, já que tende a permanecer com os mesmos integrantes devido a promessa realizada. Porém, a medida que uma pessoa interage com outros seus conhecimentos sobre a cultura podem ser renovados, fortalecidos ou

contrastados, contribuindo assim com a transmissão de conhecimentos sobre o Reisado, mesmo que entre os mesmos integrantes.

A transmissão musical que acontece no Reisado tende a permanecer acontecendo da mesma forma que sempre foi, já que esta forma de repasse de conhecimentos faz parte desta manifestação cultural.

CAPÍTULO 3- TRANSMISSÃO MUSICAL NO REISADO DE GRAÇA-CE

Os modos de transmissão são facetas comuns que marcam os caminhos e dinâmicas da própria cultura. Diferentes formas de transmissão são, por sua vez, diferentes caminhos de operação de múltiplas culturas. O Brasil é um país muito rico em diversidade cultural, acumulando desde o início de sua história uma série de práticas culturais que remetem a essa diversidade. O Reisado de Extremas não é diferente. Há uma série de processos culturais que se apresentam como caminhos de transmissão musical nesse contexto. O presente capítulo tem por objetivo apresentá-los a partir da pesquisa que foi realizada como parte deste trabalho.

3.1 Divulgação do Reisado de Extremas

Embora o Reisado seja uma manifestação cultural de grande conhecimento e apreciação, é comum integrantes de grupos mencionarem uma desvalorização por parte de moradores da cidade. Essa desvalorização pode ser vista também pela gestão municipal. Daniel Costa de Alcântara comenta sobre uma divergência de pensamentos sobre um possível apoio dos órgãos públicos do município de Graça. Segundo ele, embora esteja cada vez mais difícil de organizar e financiar um Reisado sem colaborações externas, existe o receio que “quando um órgão público tomar conta do Reisado acaba a fé e a devoção, e fica apenas uma cultura” (DANIEL COSTA DE ALCÂNTARA, 21/10/2017), transformando-se assim em uma apresentação cultural com caráter meramente lucrativo e dependente, não só dos integrantes, mas também da gestão municipal.

Mesmo com o ponto de vista acima exposto, é importante demonstrar que não há consenso nesse sentido. O senhor Francisco de Alcântara, pai de Daniel, acha que não seria necessário a ligação com os órgãos públicos da cidade, mas sim a criação de uma escola para a formação do Reisado no município, destinada às crianças e adolescentes que desde cedo já demonstram interesse na cultura do Reisado:

Se tivesse uma escolinha era bom né? Pra ensinar. Só que a cultura aqui também é muito fraca né? Porque deveria era pra ter uma pessoa, porque isso é criado já desde o começo do mundo, o Reisado, Santos Reis, ai era pra ter uma escolinha de dois professores, de pelo menos uma hora, pra ensinar o garotinho pequeno que quando

vê já fica se balançando querendo sapatear né? (FRANCISCO DE ALCÂNTARA, 21/10/2017)

Mesmo com a preocupação em relação a um ensino formal da performance do Reisado, essa cultura continua a ser transmitida através, principalmente, do ensino informal e de forma oral. De qualquer forma, já é perceptível as diferentes possibilidades de compreensão do dia a dia, bem como do ideal no que diz respeito à ideia de transmissão musical no Reisado de Extremas. Em primeira mão, o que se faz cotidianamente, na estrutura que se possui, por mais que viabilize a festa e a apresentação do grupo, não tem eco dentro do próprio grupo. A falta de consenso neste campo, por exemplo, com relação ao papel do poder público é sintomático de diferentes bases internas para lidar com a questão.

O Reisado não possui uma forma de divulgação formal, já que seu período de apresentações é sempre o mesmo. O que sempre vai mudar vai ser a localização das residências onde as brincadeiras irão acontecer, e essa divulgação acontece de forma oral. Para aqueles que acompanham a tradição, essas informações são adquiridas com os próprios integrantes. Os donos das residências também falam para parentes e pessoas próximas e estas repassam a notícia de onde vai acontecer a brincadeira, fazendo com que na noite da apresentação sempre tenha um bom número de pessoas, entre familiares e pessoas que acompanham o Reisado.

O senhor Cícero Ferreira, comerciante e Tirador do Reisado de Extremas, comenta que o seu grupo “serve para alavancar o conhecimento do balneário” (CÍCERO FERREIRA DO NASCIMENTO, 25/11/2017), o que influencia diretamente a continuidade do Reisado. Como não há patrocínios para os custos durante o período de apresentações, todo o financiamento fica por conta do senhor Cícero e sua esposa Juraci. O dinheiro recebido em cada residência onde o grupo brinca é essencial.

Além do Reisado, a festa de Reis, como é conhecida a festa dançante que ocorre na noite do dia 06 de janeiro, com a participação de grupos musicais locais e grupos famosos na região, já virou tradição pela sua grande recorrência, e esta sim sempre possui divulgação nas mídias a fim de alcançar um grande número de espectadores. A festa dançante, por muitas vezes, ganha mais notoriedade e repercussão do que o próprio Reisado e o dia da matança do Boi. Alguns participantes “tradicionalistas” comentam que só deveria existir a festa dançante se houvesse Reisado, já que atualmente a festa se tornou “mais importante” para a cidade.

Porém, em meio a tantas dificuldades, o Reisado se mantém forte na região, graças àqueles que gostam e se esforçam para que essa manifestação continue por muitos anos.

3.2 Critérios de acesso ao Reisado de Extremas

Embora a transmissão musical aconteça, de maneira significativa, no contexto cultural do Reisado, existe um empecilho para que iniciantes se insiram neste meio. Trata-se da preferência dos Tiradores por pessoas mais experientes e de fama na tradição. No caso do Reisado de Extremas, por conta da promessa, se torna ainda mais difícil para quem deseja se iniciar na brincadeira, já que o grupo é fixo, existindo poucos casos de pessoas que saem. Estas foram substituídas por outras pessoas que já possuíam experiência na brincadeira.

Segundo Daniel Costa de Alcântara, há alguns anos era muito difícil um novato substituir um veterano dentro do grupo:

Antigamente, pra você conseguir entrar num Reisado era muito difícil, quase impossível. Sei de casos que, as vezes um Poeta muito bom mas, existia um Poeta mais velho, já tinha nome, já tinha se consolidado, e mesmo que ele não tivesse fazendo mais nada, nem sapateando ou falando baixo demais mas, o novato não conseguia derrubar aquela pessoa. (DANIEL COSTA DE ALCÂNTARA, 21/10/2017)

Atualmente, fazê-lo torna-se mais fácil, devido ao grande número de grupos de Reisado que se formam na região e que, ao necessitar de um integrante tanto para completar o elenco quanto para substituir alguém, recorrem aos iniciantes.

Francisco de Alcântara comenta que conhece casos de novatos considerados bons, promissores na brincadeira, que pedem uma chance para poder mostrar o seu potencial mas que, normalmente, não conseguem:

Inclusive mesmo na Extrema tem um cara lá que é muito bom, doidinho pra entrar, mas, não tem vaga. Ele me falou que queria pagar uma promessa de brincar uma noite de Velho né? ai eu fui e aceitei né? Só que as vez tem caretas que querem brincar e não dá certo com o grupo. As vezes são mais fraco, e de voz também não dá certo. (FRANCISCO DE ALCÂNTARA, 21/10/2017)

Devido à dificuldade de inserção nos grupos e pelo prazer de fazer parte dessa manifestação cultural, existem pessoas que se organizam para brincar o Reisado fora da época tradicional, formando grupos em que existe a possibilidade dos iniciantes participarem. Esses

grupos são chamados de “mãozinhas” e, segundo Daniel Costa de Alcântara, funcionam como uma “vitrine” para os novatos poderem mostrar as suas qualidades, uma possibilidade de angariar acesso a grupos tradicionais. Os “mãozinhas” contam, principalmente, com a participação de crianças e adolescentes, que estão aprendendo e começando a carreira como brincantes de Reisado, e, às vezes, de pessoas que já brincaram no “Reisado de tempo”, como é chamado o Reisado do dia 01 à 06 de janeiro, daquele ano. Edielson Gomes comenta como foi a sua participação no “mãozinha”: Desde pequeno, só menino, pedindo pra brincar nas casas, aí o dono que gostasse botava, ia ganhando prática, até virar profissional” (EDIELSON GOMES DE ALMEIDA, 02/12/2017). É possível perceber como esse grupo, voltado para quem está iniciando, colabora não só com a evolução dos brincantes mas, também, com a possibilidade dos Tiradores notarem as revelações nesse meio, para assim inseri-los futuramente em seus grupos. Isso se faz evidente no relato de Edielson Gomes: “O povo que tira Reisado fica olhando o mãozinha até tirar um que seja melhor que os outros, que já esteja se destacando, aí vão recolhendo.” (EDIELSON GOMES DE ALMEIDA, 02/12/2017) e confirmado pelo senhor Cícero, Tirador do Reisado de Extremas: “No mãozinha, eu quero pegar uma garotada que eu tou sempre olhando eles e fazer eles se envolver mais na cultura pra que futuramente ele possa integrar ao grupo” (CÍCERO FERREIRA DO NASCIMENTO, 25/11/2017). Por esses motivos, o “mãozinha” se torna o principal meio de acesso para os grupos de Reisado, adquirindo assim grande importância para esta cultura e sua continuidade.

Essas crianças e adolescentes que participam dos “mãozinhas” são aquelas mesmas que, por motivos diversos, se interessaram pela cultura do Reisado e passaram a tratá-la de maneira diferente e mais significativa. O Reisado ganha a atenção profunda destas crianças, principalmente das menores e, devido ao interesse e curiosidade nos gestos, na performance, nas falas e melodias ocorre o processo de imitação do que se está sendo observado. Junto ao incentivo que vêm dos pais, essas crianças recebem o apoio necessário para poder continuar seguindo sua trajetória como participante desta manifestação popular, garantindo, então, a continuidade do Reisado.

3.3 A mecânica da transmissão musical no Reisado de Extremas

A transmissão musical envolve muito mais que o ensino e aprendizagem de música. Além da aprendizagem da performance, ainda há elementos culturais de grande valor

que são transmitidos. Um desses elementos que podemos citar é a fé nos Santos Reis como motivação para entrada no grupo.

Mendes (2004) aborda a convivência em grupo como parte do processo de transmissão musical, sendo que esses conhecimentos são transmitidos ao se ter um convívio direto com aquelas pessoas e com a cultura.

Na vivência musical dos atores um grande número de significados, que vão além dos elementos musicais, é apreendido, seja através de estratégias de aprendizagem... ou mesmo na absorção através da convivência diária num processo de internalização dos conceitos da manifestação. (MENDES, 2004, p.51)

No caso do Reisado, é notável como a fé, além dos conhecimentos e habilidades musicais, são transmitidos através do convívio. Segundo os relatos dos entrevistados, todos os integrantes creem em Santos Reis e essa fé nos santos é um dos fatores que garante a continuidade desta tradição. Essa fé aparece a partir de um convívio próximo com pessoas que já são “apegadas” aos santos, e depois, com as necessidades da vida, ao recorrer às promessas. Os santos Reis aparecem como protagonistas nas vidas destas pessoas, que ao terem suas graças alcançadas, acabam se “apegando” e se inserindo cada vez mais na cultura do Reisado, como pode ser observado na fala do senhor Cícero Ferreira: “Viemos morar aqui e minha mulher passou a ter contato com a família dela que já tinha contato (com o Reisado), aí passamos a cultivar a cultura, e a fé também” (CÍCERO FERREIRA DO NASCIMENTO, 25/11/2017).

Existem processos que permitem que essa transmissão aconteça. Embora a pesquisa tenha acontecido fora da época de apresentações e ensaios do grupo, foi possível, através de relatos dos integrantes, entender parcialmente como ocorre o processo de transmissão no grupo de Reisado das Extremas.

O que se pode perceber, em relação à performance do Reisado e os conhecimentos artístico-musicais que existem nesse meio, é que tanto instrumentistas quanto Caretas aprenderam através da observação e, posteriormente, da imitação.

Como já citado anteriormente, os grupos se reúnem apenas uma vez por ano para as apresentações e, normalmente, existe apenas um único ensaio em algum dia que antecede o início das brincadeiras. Isto se dá de tal forma por conta da convicção que todos os integrantes possuem, pois já sabem exatamente as partes específicas de cada um. Também é notável, nas

falas dos membros o comprometimento de que todos tenham se preparado para que o ensaio aconteça. Todo esse conhecimento adquirido sobre o Reisado é resultado de um longo processo, que ocorre desde as primeiras aproximações desses integrantes com essa manifestação e continua acontecendo enquanto a pessoa se permitir aprender e absorver ainda mais sobre o Reisado. A experiência adquirida com o passar dos anos faz com que estas pessoas se tornem, segundo Daniel Costa, “profissionais” do Reisado. Esse profissionalismo é, de certa forma, requisitado pelos Tiradores ao se escolher os integrantes do grupo, pois um grupo de Reisado considerado bom tem que, além de “dar conta do recado” durante as apresentações, se portar de forma respeitosa com os demais integrantes e, assim, criar um convívio harmonioso durante os dias em que o grupo permanecer reunido.

Antes do dia do ensaio, os integrantes se preparam em suas próprias residências. A parte da encenação todos já conhecem, mas o que realmente requer atenção e preparação são as poesias - também chamadas de relaxos - que, no caso do grupo de Reisado de Extremas, são produzidas e modificadas anualmente para atualizar o conteúdo dos versos, fazendo assim que se tornem mais atraentes para o público. Os integrantes do grupo, exceto os instrumentistas, o Boi e a Burrinha, começam a aprender e ensaiar seus versos cerca de três meses antes das apresentações, tempo considerado suficiente para aqueles que já possuem maior experiência. Segundo o senhor Francisco de Alcântara, é necessário bastante dedicação ao decorar as poesias, pois estas precisam estar fluentes para evitar erros durante a declamação: “Antes do dia 31 a gente fica só em casa mesmo, cada um fazendo por si, botando aqueles depoimentos tudo na cabeça, porque a cabeça é um computador né? Se sair uma letrinha dessa daqui a gente sai fora do ritmo” (FRANCISCO DE ALCÂNTARA, 21/10/2017). Errar uma poesia durante a apresentação pode ser considerado como falta de profissionalismo ou competência da pessoa, desconsiderando assim qualquer fator que tenha contribuído com o erro. O senhor Francisco também comenta sobre o seu filho Daniel, atual Poeta do grupo, ser responsável pela criação de grande parte das poesias dos integrantes, além das próprias, e que por este motivo ele inicia a sua preparação bem antes que os outros, ainda no início do ano.

Com a preparação para as apresentações acontecendo de maneira restrita às residências dos integrantes, apenas familiares e pessoas de convívio próximo tem a oportunidade de presenciar tal acontecimento. Mesmo sem prestar atenção é possível que particularidades do Reisado sejam absorvidas por estas pessoas próximas. Cabe a cada

espectador o interesse em transformar esta absorção desproposital em conhecimentos duradouros.

O dia do ensaio, comparado às apresentações, também recebe um grande público. Acontece sempre na casa do Tirador e pessoas de todas as partes se reúnem para presenciar aquela primeira “apresentação”, como é tratado por alguns espectadores. Considerando que o Reisado não possui momentos específicos para que possam ser ensinadas ou aprendidas todas as suas peculiaridades, é necessária uma observação detalhada para aqueles que queiram vivenciar essa cultura.

Daniel Costa de Alcântara, quando perguntado sobre como os conhecimentos do Reisado são transmitidos, comenta que a partir da vontade de cada indivíduo em compreender tais significados é que existe a possibilidade de assimilação e aprendizagem desta cultura:

Eu vou muito pela base da vontade né? Você com vontade faz tudo. Você aprende, você estuda, você observa, e essas pessoas que gostam de Reisado desde criança eu tenho a plena certeza que elas observam, que elas até tentam imitar e ao longo do tempo é que vai (sic) aprendendo a brincar em Reisado. (DANIEL COSTA DE ALCÂNTARA, 21/10/2017)

A vontade de participar do Reisado faz com que aquele que se interesse por tal manifestação busque meios de inserção em grupos, como citado por Francisco de Alcântara:

Eu inventei que tinha uma promessa pra mim pagar, os seis dias né? Aí eu cheguei lá na casa do Patrão, que ainda não tinha arrumado o Velho, aí eu cheguei: Rapaz eu tenho uma promessa pra mim pagar e brinco de Velho. Aí ele disse: Tá bom, Você vai pagar sua promessa. De graça quem não quer né? Aí eu comecei. (FRANCISCO DE ALCÂNTARA, 21/10/2017)

A vontade, no caso do Reisado de Extremas, se mostra como a motivação, ou o elemento supostamente necessário para se aprender. Isso pode ser traduzido como uma grande variedade de apropriações do universo da manifestação, como a devoção, o mero interesse, a necessidade de se aprender, a necessidade de integração social, entre outros. Dessa forma, a “vontade” se apresenta como o combustível que leva o indivíduo a fazer parte do processo de transmissão. Implica em uma condição necessária para se ter acesso ao que se transmite. Traz em seu âmago as aptidões necessárias à aprendizagem, materializadas no “estudar”, “observar”, como é visto nas falas acima.

Daniel também comenta sobre a importância de se gostar da brincadeira como um todo. Para ele, o fato de gostar da brincadeira garante uma maior facilidade na assimilação dos conhecimentos, pois garante certa intimidade com a sua narrativa, encenação e os motivos para que aconteça. Daniel comenta que “uma pessoa que gosta de Reisado ela sabe de tudo do Reisado. Ela vai tentar imitar o que tá sendo feito no Reisado. Então ali é um aprendizado pra ela né? Junto com o dom, acima de tudo” (DANIEL COSTA DE ALCÂNTARA, 21/10/2017).

O dom é citado e também considerado muito importante para que a transmissão ocorra. Principalmente em relação a musicalidade, é bastante comum a crença de que apenas algumas poucas pessoas possuem o dom de aprender e reproduzir o que lhe foi repassado. Beling, em artigo sobre o conceito de “dom” e suas implicações para a educação musical, comenta que “a ideia da música como sendo algo inato ao ser humano é sem sombra de dúvida nociva a educação musical, pois acaba fazendo da música privilégio de alguns poucos” (BELING, 2013, p. 04), fazendo assim com que aqueles que não demonstram o talento natural acabem se desmotivando ao tentar aprender música. Sendo assim, o dom, nos relatos, pode ser entendido como uma predisposição de alguém para aprender conceitos musicais de maneira mais rápida, diferenciando-se assim das demais pessoas que apresentam um processo de aprendizagem mais lento. Estas pessoas que possuem o “dom” passam a ser destacadas das demais com o objetivo que suas habilidades sejam expandidas e, por isso, passam a ser incentivados desde jovens pelos parentes mais próximos.

A hereditariedade também é vista como fator crucial no desenvolvimento de habilidades musicais. Daniel Costa comenta que “o dom de brincar em Reisado é hereditário. Dificilmente uma pessoa brinca sem uma ligação de um pai, de um avô, de um tio ou de um primo” e, assim como este, é bastante comum relatos de que, para participar do Reisado, exista a necessidade de algum parentesco com quem já tenha participado. Edielson Gomes comenta que “se a gente for pedir (ajuda) pra um de fora sempre é mais dificultoso que um de casa” (EDIELSON GOMES DE ALMEIDA, 02/12/2017) demonstrando a importância, não da hereditariedade propriamente dita, mas da participação e transmissão de conhecimentos por parte de familiares.

O dom, ou melhor, a predisposição para aprender e a hereditariedade, já citados, possuem uma relação entre si. Uma criança que convive com alguém que participa do Reisado, acompanhando as apresentações e ensaios, apresentará maior facilidade para

aprender as particularidades desta cultura. Ao demonstrar desenvoltura na performance, a criança passa a ser incentivada a continuar, fazendo com que continue a aprender e a desenvolver suas habilidades, sempre partindo da vontade individual em “crescer no Reisado” junto ao incentivo alheio. Francisco de Alcântara comenta como foi o início da trajetória de seu filho Daniel como brincante

Eu vi que o Daniel tinha talento desde pequeninim (sic), sabia sapatear e tudo, aí teve um reisado do Buíra e eu falei: Eu vou, mas o que eu faço pra levar o meu menino? que ele já brinca também, aí ele (Tirador do Reisado no Buíra) falou: é, a gente vai dar um jeito. Aí eu fiquei animado que ele ia tbm né? Aí desse tempo pra cá surgiu o Reisado da Extrema, aí eu: agora eu tenho a chance de botar o Daniel pra poeta. “Papai, mas eu não me garanto não”, aí eu disse: meu filho você se garante, você tem tudo pra ser um poeta. Aí ele com cerimônia, aí foi. Rapaz, mas nesse tempo eu já tinha era vergonha de mim, dele ter aquela indústria mesmo grande. Aí de lá pra cá o Daniel cresceu também, tanto no Reisado como na sabedoria também. (FRANCISCO DE ALCÂNTARA, 21/10/2017)

Além da vontade individual em aprender, do gostar da brincadeira, do “dom” ou da hereditariedade, durante a pesquisa foram constatados dois processos que agem de forma direta na transmissão musical no Grupo de Reisado de Extremas: os já citados processos de observação e imitação.

Embora a observação não pareça ter grande função no processo de transmissão, devido ao fato de ser em uma apresentação pública exposta a um grande número de espectadores onde todos podem observar, pode ser considerado de grande importância para aqueles que querem realmente aprender sobre o Reisado. A observação passa a ser direcionada aos detalhes mais minuciosos com o objetivo de capturar o máximo de informações possíveis que auxiliem no seu processo de aprendizagem. O Reisado acontece apenas uma vez por ano, durante seis dias, e todas as apresentações se tornam diferentes uma das outras. Além disso, mesmo com o auxílio de recursos digitais para rever tal apresentação, a gravação não causa o mesmo impacto que uma apresentação ao vivo e nem possibilita a melhor visão para se compreender tudo que ali se passa em seus mínimos detalhes. Isso porque a transmissão do que venha a ser música no contexto do Reisado é mais que som, ou mais que técnica. É a habilidade performática que só se adquire na situação em si.

Nos relatos dos integrantes é possível afirmar que a principal forma de aprendizagem do Reisado é a observação. Aquele que quer aprender passa a observar atentamente alguém que já sabe. Procura, então, atentar sobre os detalhes da performance,

com o objetivo de capturar e absorver as nuances desta cultura que podem passar despercebidas pelos demais espectadores.

O senhor Sebastião Manoel de Azevedo, conhecido localmente como Sebastião Biló, relata que sua experiência ao aprender a tocar passou pelo processo de observação. Seu irmão Lourenço, conhecido como Loló, possuía uma rabeça artesanal feita de lata e este não deixava que o senhor Sebastião tocasse na mesma. Com a vontade de aprender a tocar foi observando seu irmão até que, um dia, pôde pegar no instrumento e pôr em prática o que havia aprendido:

Prestei atenção como é que ele afinava... Aí eu peguei a rabequinha e fugi com ela pra mata. Afinei e toquei e aproveitei demais. Quando ele tava afinando eu prestava atenção ai gravava aquilo na cabeça. Afinei do mesmo jeito. E consegui tocar também, do mesmo jeito. (SEBASTIÃO MANOEL DE AZEVEDO, 22/10/2017)

Nota-se neste relato que a vontade de tocar foi o ponto de partida para aprender. Porém, foi necessário um período de observação bastante atenta para saber o que fazer com o instrumento. O senhor Manoel, questionado se seus filhos também sabem tocar, relata que todos sabem tocar um pouco e que aprenderam a tocar observando o pai: “Tudo cutuca alguma coisinha. Eles viam eu tocando aí pegavam e tentavam. Eu só afinava, que eles não sabiam afinar, aí deixava com eles” (SEBASTIÃO MANOEL DE AZEVEDO, 22/10/2017). Neste relato podemos perceber como a observação, junto da vontade, é importante no processo de transmissão musical, além da “hereditariedade”, que no caso pode ser vista como um incentivo familiar para que os filhos, ou parentes próximos, tenham liberdade de “imitar” aquele que já possui os conhecimentos musicais.

O senhor Domingos Ferreira da Silva Flores, conhecido popularmente como Panelada e sanfoneiro do grupo, passou pelo mesmo processo de observação, só que ao invés de aprender com parentes, teve que observar instrumentistas da região. Perguntado sobre como aprendeu a tocar, relata que para a sua formação de instrumentista, além da observação, o “dom” foi de crucial importância.

O dom que a gente já tem. Às vezes o Mariano, que conhece mais, é que explicava, dando o tom, as tonalidades pra gente, e a gente mesmo, com o dom que já tem, a gente pegava aquela música que ficava na cabeça da gente e começava a treinar e ia dando certo. (DOMINGOS FERREIRA DA SILVA FLORES, 25/11/2017)

Tanto o senhor Domingos quanto o senhor Sebastião aprenderam as músicas do Reisado quando já possuíam certa experiência no instrumento. Relatam que aprenderam a tocar as músicas “de ouvido” e pouco tempo depois já estavam sendo convidados para participar de grupos de Reisado. A fé em Santos Reis, presente em todos os integrantes, foi sendo consolidada conforme a participação nos grupos e o engajamento com a cultura do reisado.

O senhor Domingos comenta sobre a aquisição de conhecimentos musicais. Diz que atualmente o método de aprendizagem está diferente. Antes, comumente, as crianças aprendiam por meio da observação, como está sendo tratado um dos processos de transmissão no grupo de Extremas e em todo contexto do reisado. Porém, em relação a aprendizagem instrumental, dificilmente se vê na atualidade alguém que tenha aprendido desta mesma forma. O senhor Domingos relata que hoje em dia, quando alguém quer aprender a tocar vai atrás de aulas particulares. Não desconsidero a observação presente dentro das aulas particulares como forma de aprendizagem. Porém, não há espontaneidade por parte do aluno, já que ele está sendo guiado pelos direcionamentos do professor, o que, certamente, não inclui o repertório do reisado. Mesmo assim, não se pode dizer que as aulas particulares não influenciam os modos de tocar no grupo. Além disso, existem métodos de ensino de instrumento e também cifras, partituras e afinadores digitais para auxiliar neste processo, não necessitando assim, de uma aprendizagem experimental e um desenvolvimento mais apurado do ouvido. O senhor Domingos relata que:

Hoje qualquer pessoa tá aprendendo a tocar com aula mesmo, com partitura, então é diferente de quando eu aprendi. Só se tiver uma pessoa que tenha aquele dom. Hoje, acredito que pra aprender, tem que ter a aula. (DOMINGOS FERREIRA DA SILVA FLORES, 25/11/2017)

Porém, este processo de aquisição de conhecimentos e habilidades para tocar um instrumento, embora diferente da maneira como acontecia, pode colaborar na participação nos grupos de Reisado. Independentemente do contexto de aprendizagem do instrumento, seja isolado ou integrado à comunidade, nada exclui quesitos de aprendizagem do reisado em si, atrelados à vontade de contribuir com a cultura.

A aquisição de conhecimentos da encenação do Reisado, diferente da aprendizagem instrumental, acontece somente por meio da observação e imitação. Estes

processos acontecem, principalmente, com as crianças que assistem as apresentações de Reisado e assim se interessam em aprender. O senhor Francisco de Alcântara, questionado sobre como que essas crianças aprendem a performance do Reisado, explica que acontece de maneira bastante espontânea: “Só observando. Porque tem criancinha pequenininha com dois anos, que quando vê aquele sapateado, aquele som da sanfona, a criancinha pequenininha já fica querendo sapatear também, inté (sic) no braço dos pais eles já ficam” (FRANCISCO DE ALCÂNTARA, 21/10/2017), e continua relatando as suas observações em relação ao público infantil durante a apresentação.

Os meninos desperta (sic) e vão tentando, porque a criança pode nunca ter visto um Reisado, mas se entrar numa sala com gente sapateando eu presto atenção neles e as criancinhas também querendo sapatear pequenos, né? Outros quando a gente faz o gesto “minha Velha você é minha e não te dou a ninguém, seus carinho é bom muito bom, mas melhor coisa você tem, é um lugar esquisito que eu não digo a ninguém” (gesto onde o intérprete fica se curvando) e as criancinhas do mesmo jeito, se abaixando, inté (sic) batendo os beiços (sic), quase copiando a gente, acho interessante demais. (FRANCISCO DE ALCÂNTARA, 21/10/2017)

Nota-se aqui uma percepção ativa por parte dos integrantes do Reisado em relação ao público que os assiste, sendo capazes até de identificar uma criança que passa a imitá-los e que aparentam desenvoltura para a brincadeira, ou, como eles dizem, tem o “dom” de brincar.

Daniel Costa comenta que aquele que possuir o “dom” “pega experiência, assim como um músico pega experiência com um músico mais velho” (DANIEL COSTA DE ALCÂNTARA, 21/10/2017), com o objetivo de exercitar as suas habilidades para melhorar, além de continuar aprendendo, principalmente com os mais experientes e, com isso, aquela pessoa vai se desenvolvendo e crescendo no Reisado, tornando-se “profissional” na área.

Edielson Gomes relata que, em seu processo de aprendizagem, foi necessário “observar muito” (2017) para assim aprender os detalhes que ele precisava para poder participar.

Aprendi assistindo, que eu gostava muito, aí fui me dedicando. No começo sempre foi difícil, com muita dificuldade, tem que aprender muita coisa, mas com gosto não se discute, a gente vai aprendendo e aprendendo até ficar prático. Eu gostava de assistir muito, pra ver qual era o melhor, e aprender com os melhores. (EDIELSON GOMES DE ALMEIDA, 02/12/2017)

Neste relato é possível perceber a importância, como antes já citado, da vontade, da observação e do gostar da brincadeira como processo de transmissão musical que

acontecem neste meio. Porém, como em qualquer ambiente de transmissão de conhecimentos, pode haver dificuldades nesse repasse e, nesse momento, além de todas as formas já mencionadas, a pessoa pode recorrer a alguém, como citado por Daniel Costa: “Algumas pessoas sim (aprendem sozinhas), observando, outras pessoas não, aí pedem pra outra ensinar, outra pessoa que já brinca em Reisado” (DANIEL COSTA DE ALCÂNTARA, 21/10/2017), que foi como aconteceu com Edielson Gomes ao aprender o pragateado: “A gente vai pedindo aula né? Meu tio me ensinou umas técnicas pra aprender e adaptar. No começo cansava muito, mas agora que a gente aprende tudo é melhor” (EDIELSON GOMES DE ALMEIDA, 02/12/2017). De maneira mais direta, para que aconteçam essas “aulas” é necessário ter “humildade”, como citado por Daniel Costa. A humildade de reconhecer quando não se está conseguindo algo e também para reconhecer que outra pessoa saiba mais e que possa ajudar neste processo. A humildade é outro elemento condicionante da transmissão musical no grupo. Nesse sentido, trata-se de uma qualidade, ou um requisito que garante a criação de laços ligados com a troca de informações na construção de conhecimento musical. Se o indivíduo apresenta tal característica, é capaz de tratar com os demais sobre as dificuldades.

Ficou claramente explícito, nesta pesquisa, que o “dom”, a hereditariedade, o gostar da brincadeira, a observação, a imitação e também momentos direcionados para a aprendizagem de algum conhecimento específico, fazem parte do processo de transmissão musical no contexto do grupo de Reisado das Extremas, embora, haja a possibilidade de muitas outras formas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Reisado da localidade de Extremas de Santa Luzia, na cidade de Graça-CE demonstrou ser uma rica fonte de conhecimentos culturais. Durante a pesquisa realizada foi possível identificar, em parte, como ocorre o processo de transmissão musical neste grupo. Baseado nos relatos das pessoas entrevistadas e com o suporte teórico de pesquisas ligadas ao mesmo objeto, sobre transmissão musical em contextos e culturas de caráter oral, foi possível detectar formas de repasse de conhecimentos que acontecem no grupo de Extremas e, provavelmente, em outros grupos.

Os principais meios de transmissão identificados foram a observação detalhada, com o objetivo de absorver os detalhes mais imperceptíveis, a imitação, que possibilita experimentar o que foi observado daqueles que já possuem o conhecimento específico, o “dom”, como é chamado pelos integrantes a predisposição existente em alguém para aprender algo com facilidade, a hereditariedade, que ficou entendida como o suporte e incentivo por parte da família para que aquelas habilidades se desenvolvam, e a vontade da pessoa em aprender sobre o Reisado junto do gostar da brincadeira, tratado como de grande importância para esse processo de transmissão.

A pesquisa foi capaz de mostrar importantes meios para que a transmissão musical ocorra, porém, esta pesquisa poderia estar ainda mais completa e rica em detalhes sobre este processo caso fosse possível investigar durante o período de apresentações do grupo. Presenciando as brincadeiras e o convívio dos integrantes durante esse período, seria possível confirmar os relatos dos entrevistados, observando este processo pessoalmente, e, talvez, presenciar outros meios de transmissão que não foram descritos aqui.

Além disso, o Reisado de Extremas é considerado diferente dos demais grupos da região, principalmente em relação a melodias e tonalidades das músicas. Os meios de transmissão descritos e analisados aqui, embora se mostrem característicos do Reisado, podem se diferenciar dependendo do grupo e do contexto cultural ao qual esteja inserido. Certamente, por ser a mesma manifestação cultural, existem várias similaridades entre os grupos de Reisado que existam, e uma dessas que podemos citar é a fé em Santos Reis, tratada como de grande importância para a tradição e continuação deste folguedo.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Flávia Cristina de Almeida. **Reisado**: Um folguedo marcante no município do Graça-Ce. Especialização em história geral. 2013

BELING, Rafael. **E para quem não tem o dom??: reflexões sobre o conceito de talento e musicalidade e suas implicações para educação musical (ABEM)**. In: XXI Encontro Nacional da ABEM, 2013, Pirenópolis. XXI Encontro Nacional da ABEM, 2013.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 12º Edição, Editora Global. 2012.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Tema e variante do mito: sobre a morte e a ressurreição do boi. **Mana** (Rio de Janeiro) , Rio de Janeiro, v. 12, n.1, p. 69-104, 2006.

CÍCERO FERREIRA DO NASCIMENTO. Entrevistado pelo autor em 25 de nov. 2017, Graça- Ceará.

COELHO, F. R. D. ; FERREIRA, E. D. D. S. ; MARTINS, G. K. . **Reisado de Couro**: como meu avô brincava. Folha de Rosto: Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação , v. 2, p. 58-66, 2016.

COSTA, Luiz Fernando Navarro. **Transmissão de saberes musicais na Banda 12 de Dezembro**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Música. 2008.

CRUZ, João Everton da. **FREI DAMIÃO**: a figura do conselheiro no Catolicismo Popular do Nordeste brasileiro. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião. 2010

DANIEL COSTA DE ALCÂNTARA. Entrevistado pelo autor em 21 de out. 2017, Graça-Ceará.

DOMINGOS FERREIRA DA SILVA FLORES. Entrevistado pelo autor em 25 de nov. 2017, Graça- Ceará.

EDIELSON GOMES DE ALMEIDA. Entrevistado pelo autor em 02 de dez. 2017, Graça-Ceará

FRANCISCO DE ALCÂNTARA. Entrevistado pelo autor em 21 de out. 2017, Graça- Ceará

MEIHY, J. C. S. B. ; HOLANDA, Fabíola . **História Oral: como fazer, como pensar**. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

MENDES, Jean Joubert. F. . “Escuta o tum e faz tum, tum”: a aprendizagem musical/cultural na formação identitária em um Terno de Congado de Montes Claros-MG. **ICTUS** (PPGMUS/UFBA), v. 5, p. 42-49, 2004.

MORAES, Antonio Jarbas Barros de. ; FREITAS, N. A. . **A 'CASA DO TIRADOR' E AS TERRITORIALIZAÇÕES DAS FESTAS DE REIS DE CARAÚBAS EM GRAÇA/CE.** In: III Seminário Regional Comércio, Consumo e Cultura nas Cidades, 2017, Sobral. **ANAIS DO III SEMINÁRIO REGIONAL COMÉRCIO, CONSUMO E CULTURA NAS CIDADES**, 2017. p. 1-20.

QUEIROZ, Luiz Ricardo Silva. **Performance musical nos Ternos de Catopês de Montes Claros.** Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Música. 2005.

_____. **Educação musical e etnomusicologia: caminhos, fronteiras e diálogos.** *Opus*, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 113-130, dez. 2010.

SANCHÍS CLEMENTE, Marta. **Aprendendo música com os Tupynambás: transmissão musical em uma Tribo Indígena Carnavalesca de Mandacaru, João Pessoa.** 2013.

SEBASTIÃO MANOEL DE AZEVEDO. Entrevistado pelo autor em 22 de out. 2017, Graça-Ceará.

SOUSA, Luciano de Melo. **Brincadeira do reisado na comunidade de Cipó, Pedro II - PI: mediação cultural, tradição e modernidade.** Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais. 2012.

APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

TRANSMISSÃO MUSICAL: UMA VISÃO A PARTIR DO GRUPO DE REISADO DE EXTREMAS DE SANTA LUZIA NA CIDADE DE GRAÇA-CE

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA:

1. Quando surgiu o grupo?
2. Por qual motivo o grupo foi criado?
3. Quem criou o grupo?
4. Como as pessoas fazem para participar do Reisado?
5. Como é se faz para aprender sobre o Reisado?
6. Qual é a estrutura do Reisado? Quais são as funções e os papéis que as pessoas desempenham no grupo?
7. Há ensaios? Quando eles acontecem?